

**3º Lugar**

**PSEUDÔNIMO: MARILUZ**

**Gracia Regina Gonçalves**

**Faculdade de Letras**

## **META-PAIXÃO**

Esperou-o com o silêncio dos anos e o tique-taque de cada segundo. Quando do seu primeiro casamento, mesmo sem ser convidada, colocou seu melhor vestido, pregou uma flor na boina de crochê e pediu a uma amiga que a acompanhasse. Só não foi porque choveu na hora, a amiga se atrasou e táxi, que é bom, nunca apareceu quando a gente mais precisa. Acabou a noite de porre, jurando nunca mais misturar bebida alcoólica com o fogo da paixão, que ardia ainda mais e podia virar consumação maior que úlcera supurada. Nem queria pensar em expressão tão feia para o próprio estômago, tanto cuidado que tinha com as palavras. Desde cedo aprendera a brincar com as letras no prato de sopa, a escrever com palitos sobre a mesa, a ler nos muros. Nessa noite, escreveu mil vezes o nome dele no copo suado, na garrafa, até no vidro dos carros. Dias depois leu no jornalzinho da escola que os noivos tinham ido numa tournée para Buenos Aires e que pareciam muito felizes. Guardou o recorte junto com aquela reportagem da Maysa, e colocou ponto final na história.

Quando soube que ele iria ser pai, já do segundo casamento, apurou-se toda em ir ao lançamento do seu livro, «Mergulho na Noite», não era poético? Dessa vez foi sozinha, entrou na fila, um exemplar na mão esquerda, e, na outra, a taça de guaraná. Depois viu que ficaria confusa, e se ele não a beijasse no rosto, afinal já se passara tanto tempo, como é que lhe estenderia a mão? Deu goles profundos enquanto procurava com os olhos o garçom. Ainda bem que aquela conhecida veio salvá-la do embaraço, e se aproveitando, passou na sua frente. Conversou com

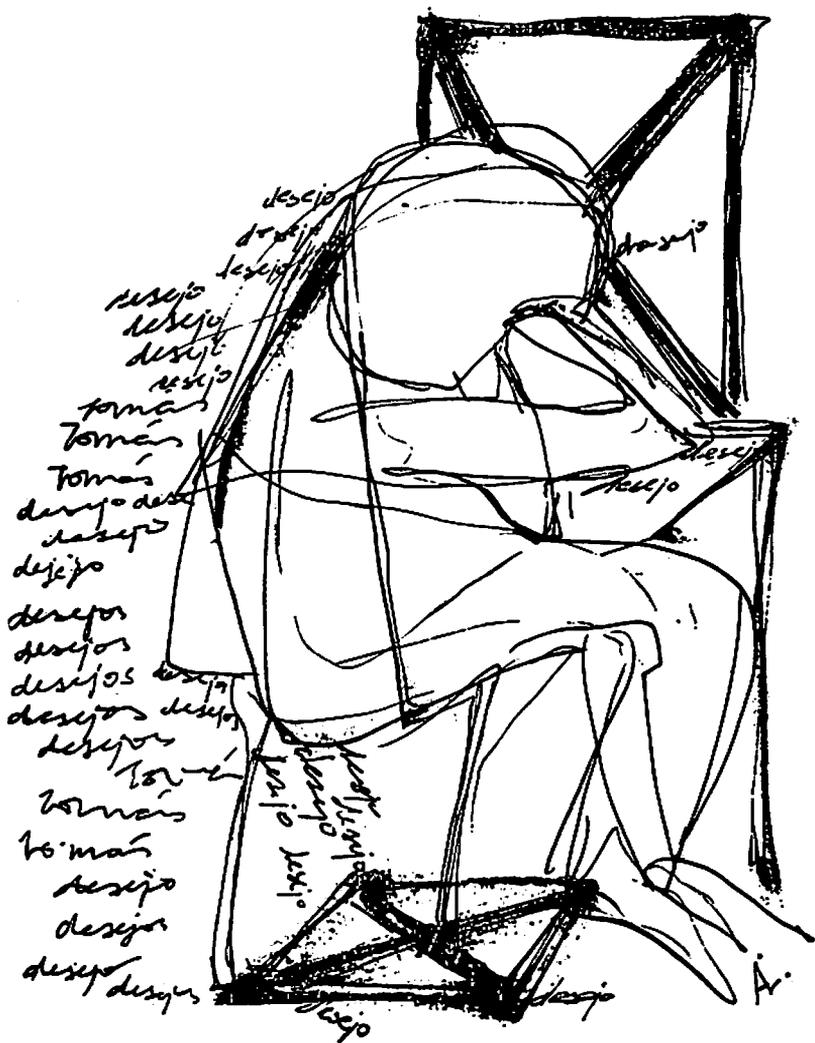
ele o tempo todo, enquanto ele assinava no seu livro, mas também não tinha ganhado uma dedicatória tão bonita quanto a sua: «Para uma garota muito atenta, Tomás». Que queria ele dizer com atenta? Será porque sempre fora a melhor aluna da classe, uma vez lhe dissera que tinha olhos muito expressivos, será que atentou para os seus olhos?

De novo, lá estava ele, terno branco e cravo vermelho na lapela, sorriso esfuziante, e então, bem de perto, pôde observar aquela mulher, uma mulher sem preâmbulos, carnuda como uma goiaba, redonda e madura, como haveria de ser o bichinho? Veio a ser lindo, ou linda, com todas as vitaminas que pode nutrir da poupa. E a cara do pai, naturalmente. Tempos depois ele lhe mostrou o retrato dela durante um seminário em que se encontraram. Ela lhe deu emocionada os parabéns, que ele, muito ao seu jeito, recusou, afinal não tinha ainda mérito nenhum, pai era dali pra frente, com o que concordou meio sem-graça, mas ao virar-lhe as costas, pôs ponto-e-vírgula naquela paixão. Sabia que aquele período iria ser complexo-composto.

Nessas voltas que o mundo dá, chegara agora mais perto dele do que nunca. Trocavam textos, opinava, tinham simpatias e antipatias em comum, cerraram enfim um acordo tácito de cooperação acadêmica. Além disso ouvia-lhe as queixas, e estava sendo muito compreensiva, o máximo que uma pessoa pode ser com outra que está em face de separação matrimonial. Pouco a pouco foi se enfiando naquele envelope onde por fora se lê o carimbo «Confidencial». Sabia hoje de tudo: das ex-esposas, qual não parava em casa, qual não saía da frente da televisão, qual pecava por excesso, qual não pecava. Naquela fase difícil sabia-lhe também das namoradas, como há mulheres nesse mundo, como aquela californiana que mascava chicletes e, por extensão, grudara-se nele, da virginiana que buscava seduzi-lo com curvas astrais, e das anônimas da semana, da domênica à secundérica. Iniméia batizava-as a todas sem as abençoar, e não compreendia nada do que sabia. Iniméia sofria de incompreensão aguda.

Naquela semana, Iniméia tinha começado a sentir um certo cheiro de probabilidade no ar. Talvez fosse coisa da estação do ano, o rebotar dos frutos, a tiririca até na fenda do meio-fio, e aquele olhar comprido quando a via surgir no fundo do corredor. Ontem à noite, até lhe dissera que a vida para ele era curta como o ato de respirar, mas que não se cansava nunca de sorver o ar que o envolvia. Seria mesmo a vida uma sucessão de vidazinhas, ora mais intensas, ora menos, um tricô no qual a grande sabedoria estaria em ligar cada ponto, vigiando atentamente para que nenhum se perdesse, mas não se detendo também em nenhum? Teria dito isso especialmente para ela, será que esperava vê-la jogar-se em seus braços com ânsia de asmática? Há muito que a vinha provocando, dizendo-lhe que teorizar estaria para o papel como o viver para o branco do lençol, há muitas formas de se escrever um capítulo, e que acreditava que o amor floresce sim, mas não na cabeça e no peito, mas na cova tenra e úmida que se forma entre as pernas de uma mulher e de um homem.

Tomou então uma decisão e marcou dois pontos: não esperaria mais, hoje mesmo iria procurá-lo, hoje não, agora, não estava tão mal assim, quem sabe, mais tarde poderia chover. Só deveria planejar tudo cuidadosamente. Empilhou os trabalhos que tinha pela frente e pôs-se a se preparar. Puxou desafiante a língua da máquina de calcular que lhe fazia uma careta, e se deliciou com o picotar do papel. Começara a agir. Armaria uma estratégia, partiria de uma premissa falsa, Iniméia adorava destruir falsas premissas, e então imaginou a cena: chegaria de surpresa e logo inventaria uma desculpa, um texto por redigir, anotou texto, item um, sempre tivera problemas de concordância, mentira, mas anotou concordância, então se bem o conhecia, ele se mostraria solícito e ela aí poderia entrar com o desvio da expectativa. Este seria seu trunfo, isto é, levá-lo-ia a dizer exatamente o que não gostaria de ouvir, que estava feliz com uma mulher, outro item, uma da qual ainda não lhe tinha falado, quase não se podia ler mulher de tão miudinho, o lembrete começara a ficar comprometedor, Iniméia então achou melhor mudar para



código e desenhou um croqui de saias, não queria que aquilo parecesse uma cobrança, desenhou um cifrão e abreviou a negativa, mas é que ouvindo dele tudo ficaria mais claro, fez então um círculo e em torno dele desenhou o sol. Quem nega, consente.

No meio da rua, tirou ainda umas duas vezes o papel do bolso e julgou o texto de efeito, compacto e incisivo. Não sabia se censurava ou não aquele acréscimo que fizera criticando seu próprio excesso de racionalidade em lhe dando razão por não querer trepar com um teorema, o que seria deveras complicado. Uma frase de efeito, chocante, ótima, portanto, para a personagem que iria entrar em cena. Quando já estava no meio do caminho, lembrou-se da cara da secretária a lhe perguntar se desejava alguma coisa. Era, de natureza, tão literária, que acreditava poder ser lida por inteiro até nas linhas da frente. Era mais prudente ligar dali mesmo do posto da esquina, pois, uma vez esperando-a, tudo ficaria mais fácil. Mais fácil? Pronto, ele estava, já não poderia voltar atrás, a mão suada embolou de novo o papelzinho, a lição já de cor e salteado, os olhos fixos no aquário a sua frente. Lá dentro, dois olhos esbugalhados a observá-la, impassíveis. Não gostaria de ter que se comunicar através de bolhas, pensou, ou teriam os peixes inventado algum código de ondas misterioso e mágico que ninguém percebesse, algum dom da espécie? Sempre encontrara aquários em postos de gasolina e nunca havia pensado que eles eram como pingüins em geladeira, que as pessoas apreciavam por exatamente perto, porém mudos.

Iniméia cronometrou. Estaria a um quarteirão mais ou menos, agradeceu àquele empregado antigo a quem sua mãe dera um dos ternos de seu pai, e que levantara o boné para ela. Sim, daria lembranças, o carro, deste não dava notícia, não queria lorota que o andava estragando, preferia andar a pé. Pé no chão, pensamento nas alturas. Iniméia respirou fundo e levou a mão ao trinco da porta. Ele estava sentado escrevendo uma carta. Aquelas paredes eram antigas conhecidas suas, mas hoje pareciam muito mais próximas. Aquelas paredes a estavam empurrando

para ele. Muito calmamente Tomás deixou a caneta e se reclinou de leve para trás colando-se no encosto da cadeira. O que estava havendo com a sua voz, estava completamente alterada, ora, só podia ser o telefone, sabia que ela não gostava de telefone, mas é que estava irreconhecível, parecia outra pessoa. Iniméia achou melhor assumir, era verdade, ela poderia ser outra pessoa, aliás, hoje ela era uma outra pessoa. Ele arregalou os olhos. É que estava precisando de ajuda, tinha problemas com a elaboração de um texto, gaguejou elaboração, gostaria que ele lhe dissesse, esse, esse, esse, mal começou e viu que sua voz batia-se contra as paredes e voltava aos seus ouvidos. Iniméia já sentia-se feito uma cigarra prestes a explodir; é que, se existisse outra, outra vez, Iniméia tentava arrancar as vogais do fundo da garganta, que não vinham, estava cansada de tanto ser boazinha, zinha, zinha, ecoava o final das palavras. Sua voz soava como um zumbido de mosca soturna, dessas de asas azuis que pousam no braço da gente para definirem que direção devem tomar. Iniméia era uma mosca pousada no braço de Tomás. Ele começou a tamborilar devarinho sobre a mesa, como que para marcar a frequência do que ouvia, mas só se ouvia o descompasso, ou, quase não se ouvia mais, o que era do som, Iniméia percebia um coaxar crescendo nos quatro cantos da sala, ele ainda tamborilava sobre seus tímpanos, pode ser algum problema de contacto, é bom verificar a corrente. A pane generalizada prenunciava o fim do espetáculo, a voz dela era um fio, um auto-falante passou, a gradiente garante a sua aparelhagem de som, parecia que a rua toda resolvera passar por sobre a mesa, a claque das buzinas ensurdecia até o pensamento, e Iniméia já era muda como um peixe. Iniméia era um peixe afogado em seu silêncio. De repente o choque, estilhaços de vidro por todos os lados, seu desespero esvaziado num caudal.

Iniméia escorreu por debaixo da porta.

